

Galerias do centro: um olhar sobre modernidade e transformação urbana na cidade de São Paulo

Beatriz Ribeiro de Souza Dias, Bruna Cardoso Silva e Maristella de Moura Pinheiro

Orientadora: Profa. Dra. Sabrina Fontenele (Escola da Cidade).

Pesquisa: Ensaio desenvolvido para a disciplina eletiva *Vida Urbana nos Edifícios Modernos* cursada na Escola da Cidade em 2019.

O presente ensaio olha para a Galeria Itapetininga e a Galeria Nova Barão, que fazem parte de um circuito de galerias do centro novo de São Paulo, consolidado na década de 1950 com o plano urbano de avenidas de Prestes Maia, para entendê-las no contexto em que surgiram e como são ocupadas hoje. O trabalho utilizou quatro frentes de investigação: entrevistas, vivências no espaço, levantamento em

acervos de notícia e contextualização histórica. Isso permitiu a criação de um panorama de transformações, que foram sistematizadas em uma linha do tempo. A análise realizada nesse ensaio tem o objetivo de compreender o espaço arquitetônico proposto para essas galerias e suas transformações ao longo do tempo em relação ao contexto histórico da cidade de São Paulo e suas dinâmicas.

Downtown Galleries: a look at modernity and urban transformation in the city of São Paulo

This paper aims to investigate the creation and now the occupation of the *Galeria Itapetininga* and *Galeria Nova Barão*. The two galleries were established in the 1950s in São Paulo's new downtown in connection with the Prestes Maia avenues urban plan. The research methodology was based on interviews, experiencing in the space, history contextualization, and collected newspaper articles, which allowed us to create a panorama of transformation, later systematized in a timeline. The main goal is to understand the architectural space aimed for these galleries and their transformation over time in relation to the historical context of the city of São Paulo and its dynamics.

Galerías del centro: una mirada sobre modernidad y transformación en la ciudad de San Pablo

Este ensayo analiza la *Galeria Itapetininga* y la *Galeria Nova Barão*, que son parte de un circuito de galerías en el nuevo centro de San Pablo, consolidado en la década de 1950 con el plan urbano de avenidas de Prestes Maia. Para comprenderlas en el contexto en el que surgieron y cómo son ocupadas hoy, el trabajo ha utilizado cuatro frentes de investigación: entrevistas, vivencia en el espacio, búsquedas en acervos de noticias y contextualización histórica. Eso ha permitido la creación de un panorama de transformaciones que fueron sistematizadas en una línea del tiempo. El análisis realizado en este ensayo tiene como objetivo comprender el espacio arquitectónico propuesto para estas galerías y sus transformaciones a lo largo del tiempo, relacionándolas con el contexto histórico de la ciudad de San Pablo y sus dinámicas.

INTRODUÇÃO

É no contexto das mudanças para a criação de uma São Paulo moderna, nos anos 1950, que as galerias no centro da cidade começam a surgir. Atrelada ao plano urbano de avenidas de Prestes Maia, a proposta do uso do térreo dos edifícios como espaço público, coletivo, de comércio e encontro levou à criação das galerias comerciais que caracterizam até hoje o centro novo da cidade.

A fim de compreender a diferença entre o que se desejava para esses lugares no momento em que foram criados e o que representam hoje, esse ensaio explora duas galerias distintas: a Nova Barão e a Itapetininga, popularmente conhecida como Galeria dos Brinquedos.

A seleção dessas duas galerias se deu a partir de algumas de suas características. Ambas compartilham o fato de serem reconhecidas devido ao uso comercial especializado: discos de vinil, na Galeria Nova Barão, e brinquedos antigos, na Galeria Itapetininga. No entanto, a conformação espacial de cada uma é muito distinta. Enquanto a Galeria Nova Barão segue os preceitos modernistas e representa o desenho de uma arquitetura brasileira feita na década de 1950 — desenhando um espaço ao ar livre, como uma espécie de rua-praça —, a Galeria Itapetininga surge pela união do térreo de alguns edifícios para a criação de uma travessia comercial.

METODOLOGIA

Para entender o processo de transformação tanto espacial como de ocupação das galerias foram analisados artigos, notícias e relatos nos acervos dos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo. Em paralelo, para lidar com o espaço no presente, foram feitos estudos de campo com relatos de vivência e observação, assim como entrevistas com usuários e comerciantes locais. A partir disso, foi elaborada uma linha do tempo com o intuito de cruzar as diversas camadas de análise, auxiliando na leitura dos acontecimentos estudados, numa dimensão linear e temporal.

A busca pelos artigos nos acervos da Folha e do Estadão iniciou-se pelo

levantamento dos textos que abordavam as galerias desde os anos 1950 até hoje. Foram encontrados registros da Galeria Nova Barão a partir dos anos 1960, em maior quantidade nas décadas de 1970 e 1980, e menor nas de 1990 e 2000. Já sobre a Galeria Itapetininga encontramos notícias nas décadas de 1950 e 1960 e, após um longo hiato, as notícias voltaram a aparecer a partir dos anos 2000.

As entrevistas¹ foram feitas com os donos de lojas dentro dessas galerias e organizadas a partir das seguintes questões:

1. Há quanto tempo a pessoa trabalhava na galeria e há quanto tempo existia a loja?
2. Por que a loja existe naquela galeria?
3. Quem são os clientes da loja? São as pessoas que estão passando pela galeria ou que a frequentam especificamente para ir à loja?
4. O que a pessoa acha da arquitetura da galeria? A passagem ajuda nas vendas?

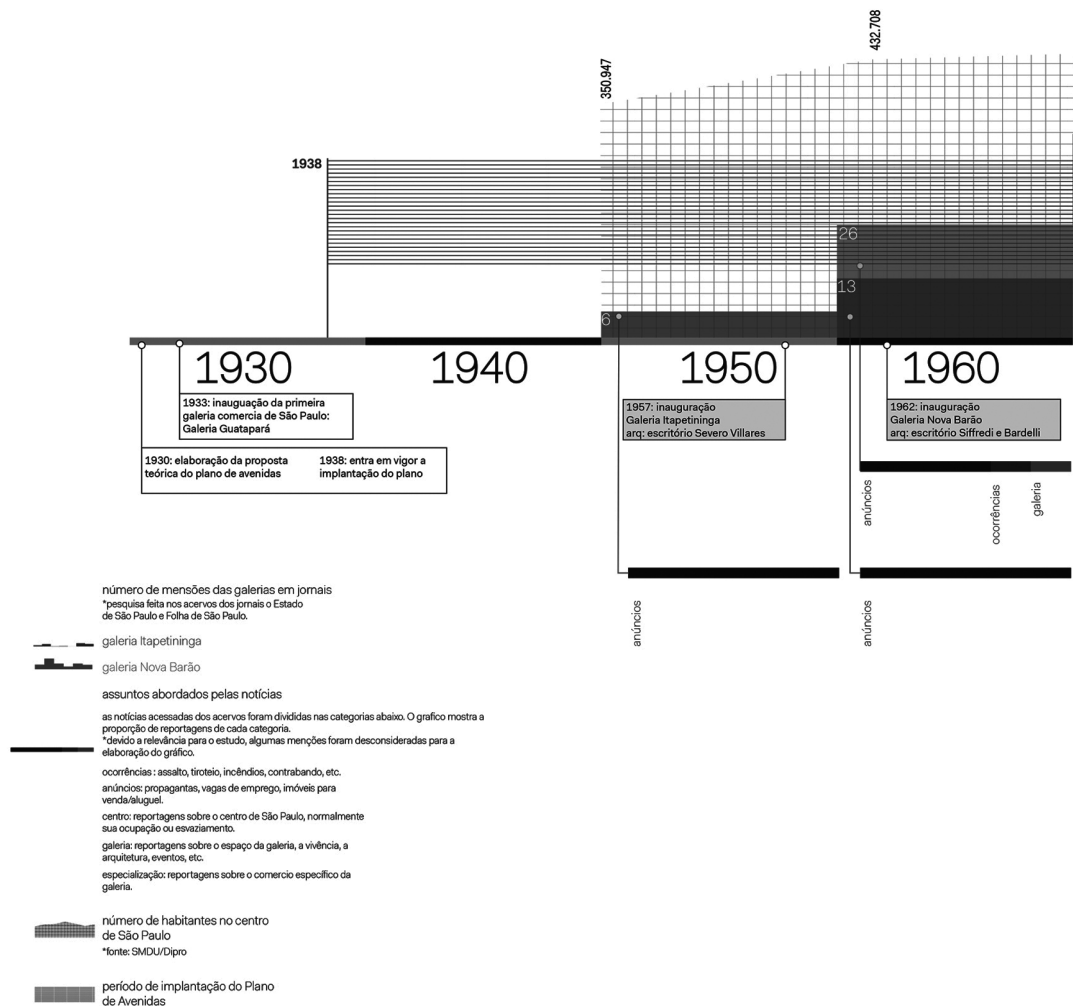
Na Galeria Nova Barão foram entrevistados três lojistas de discos de vinil e na Galeria Itapetininga foi entrevistado um comerciante de brinquedos colecionáveis para entender a questão do comércio especializado¹:

1. Por que a pessoa vende o determinado produto?
2. Como começou a aglomeração de lojas especializadas nesse produto na galeria?

O terceiro dispositivo de pesquisa utilizado foi a de vivência no espaço, que gerou as próprias entrevistas e também a observação dos fluxos, utilização e disposição das pessoas nos espaços, registros fotográficos e das lojas que hoje estão ativas em ambas galerias, aprimorando assim seu perfil.

LINHA DO TEMPO

Diante dos diversos tipos de material e conteúdo encontrados na pesquisa, a produção de uma linha do tempo se apresentou como solução para que essas informações se cruzassem de maneira organizada e visual, permitindo interpretações e análises dos acontecimentos ao longo dos anos. A escolha dos dados teve como objetivo sobrepôr as informações noticiadas na mídia sobre cada uma das galerias aos acontecimentos urbanos no centro da cidade e, então, analisar e entender

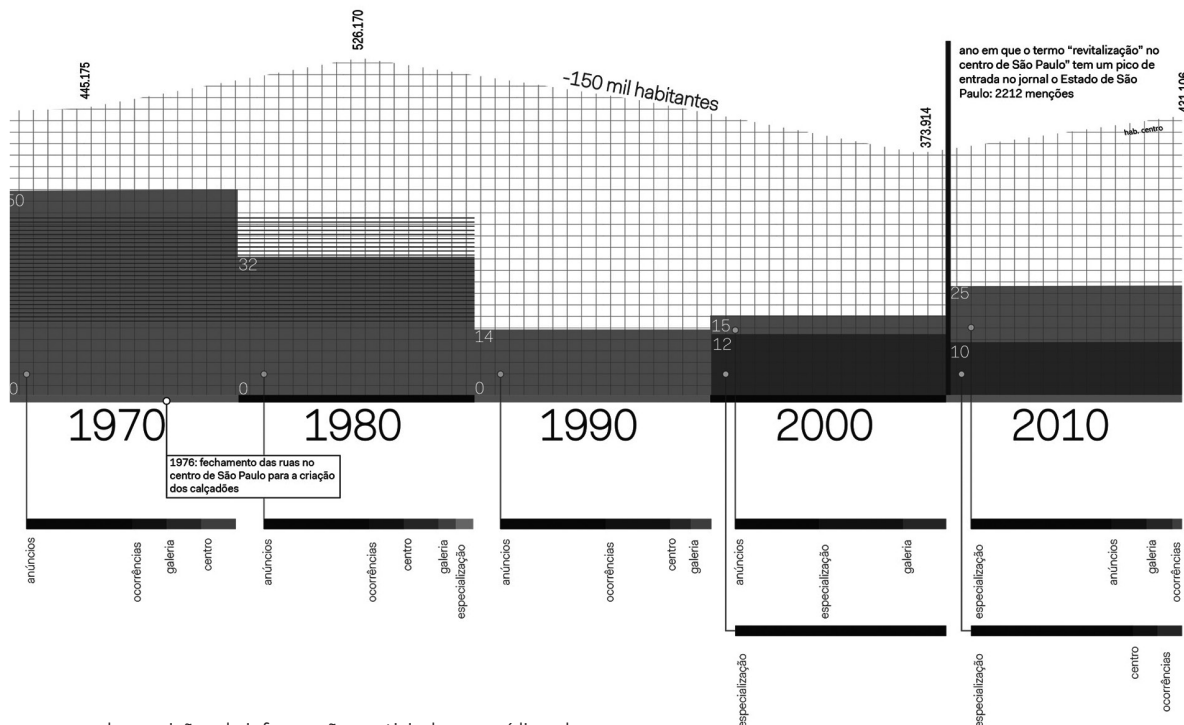


como o momento histórico influenciou no comportamento e uso das galerias ao longo do tempo. Dessa forma, as informações que auxiliaram no desenvolvimento dos argumentos deste ensaio podem ser revisitadas a qualquer momento durante a leitura do texto.

A linha do tempo se inicia na década de 1930 e vai até 2010. No primeiro plano está o número de menções de cada uma das galerias nas notícias de jornais encontradas nos acervos da Folha e do Estadão, acrescido de um gráfico que mostra a proporção dessas notícias dentro das seguintes categorias: ocorrências, anúncios, centro, galeria e especificação. Essas categorias foram criadas para que se classificassem as inúmeras notícias encontradas de acordo com os assuntos por elas abordados. Portanto, as notícias que relatam assaltos, tiroteios, incêndios,

contrabandos etc. fazem parte da categoria "ocorrências"; quando o assunto é propagandas, vagas de emprego ou imóveis para venda/locação, as notícias são categorizadas como "anúncios"; na classificação "centro" entram as reportagens sobre o centro de São Paulo, cuja temática é normalmente sua ocupação ou esvaziamento; a categoria "galeria" diz respeito às reportagens sobre o espaço da galeria, a vivência, arquitetura, eventos realizados etc.; a última categoria criada é a de "especificação", destinada a notícias que falam sobre o comércio específico das galerias.

No plano de fundo das notícias foi sobreposto o período de implantação do Plano de Avenidas e o número de habitantes no centro de São Paulo ao longo dessas mesmas décadas. Além disso, foram marcados alguns acontecimentos relevantes



Linha do tempo com sobreposições de informações noticiadas na mídia sobre cada uma das galerias e acontecimentos e fatos urbanos de São Paulo.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

para o tema, como a inauguração da primeira galeria do centro de São Paulo e a inauguração de cada uma das galerias estudadas, assim como outras datas de marcos urbanos no centro da cidade.

GALERIA NOVA BARÃO

A Galeria Nova Barão, projeto do escritório Siffredi e Bardelli, do ano de 1962, faz parte de uma onda de projetos de galerias no centro de São Paulo, iniciada em 1933 com a Galeria Guatapará. Propriedade da família Citron e de outros investidores de peso, a Galeria Nova Barão foi projetada para sediar apartamentos, escritórios e lojas de alto padrão, nos moldes dos demais estabelecimentos da região na época.

A estratégia de uma galeria multifuncional era algo inusitado para esses investidores, que após as experiências do edifício Grandes Galerias e do Centro Comercial Presidente — duas situações em que viram o uso estritamente comercial se desgastar — encontraram na variedade de usos uma ferramenta para manter o fluxo de pessoas mais constante e a

vida no edifício mais pulsante. Fazendo uso de ideais da arquitetura moderna, o projeto da Galeria Nova Barão propõe uma permeabilidade quase cenográfica: insere uma estrutura de rua e calçada internas com os mesmos materiais utilizados no passeio público, o que acaba por "sublinhar", ou seja, reforçar exageradamente a proposta de um espaço aberto, poroso, que mantém uma continuidade com a rua. Essa ideia de uma rua interna foi utilizada como estratégia de marketing na época em que a galeria foi inaugurada.

Analisando recortes de notícias da Folha e do Estadão, podemos perceber que a galeria era apresentada, nas décadas de 1960, 1970 e — principalmente — 1980, como um espaço glamourizado da cidade de São Paulo, com seus finíssimos conjuntos de escritórios e pessoas de "boa apresentação" para lidar com o público das lojas. Nesse período, no entanto, o centro novo já começava a apresentar sua "decadência" com o surgimento de novas centralidades, se expandindo no sentido da Avenida Paulista. Porém, devido à complexidade de acontecimentos e dinâmicas da cidade, tais centralidades acabavam coexistindo e

competindo entre si, principalmente no que diz respeito ao aspecto econômico.

Essa questão pode explicar a forte promoção midiática do centro como um "lugar de luxo", sociabilidade e promotor de eventos de grande alcance, para além de sua importância comercial, um lugar onde as pessoas se encontravam. Um exemplo dessa autopromoção é o concurso de decorações de fim de ano, do qual a Galeria Nova Barão foi campeã mais de uma vez. Uma notícia retirada da Folha de S. Paulo conta que foram gastas mais de três mil horas de trabalho na decoração da galeria, em 1979, deixando claro o grande investimento que era realizado pela administração do edifício em busca de reconhecimento.

Outra estratégia de manter o centro novo competitivo em relação às novas centralidades de São Paulo foi a implementação dos calçadões em diversas ruas, na metade dos anos 1970. A ideia era de que, com isso, os pedestres teriam mais segurança e tranquilidade para realizar suas compras, aumentando assim, a quantidade de compradores no centro. Mesmo assim, como podemos ver na notícia retirada da Folha, os comerciantes sentiram uma piora expressiva nas vendas após a implementação dos calçadões.

Essa notícia, de 1977, é anterior em apenas dois anos à notícia apresentada, a respeito dos enfeites de natal na Galeria Nova Barão. Podemos entender esse fato como uma evidência da grande oscilação que ocorria nesse período em relação às dinâmicas do centro, alternando momentos de maior investimento e de maior uso e circulação, com momentos de esvaziamento econômico e social.

Esse processo de transferência do centro para outras centralidades do polo concentrador do poder econômico e da escolha do local de habitação das elites causou outro tipo de fenômeno: a especialização. Ao mesmo tempo em que o centro novo foi se tornando estritamente comercial, esse comércio começou a se especializar intensamente, com conglomerados de vendedores que viram nessa estratégia uma possibilidade de se fortalecer, como exemplificado pela notícia de 1981, retirada do O Estado de S. Paulo.

Esse fenômeno atingiu também a Galeria Nova Barão, primeiramente com as joalherias, nos anos 1980 e depois com os discos de vinil, a partir dos anos 2000 até os dias atuais, que ocupam a rua elevada da galeria:

Aqui na galeria já tinham algumas lojas de vinil, então aconteceu o que a gente chama de efeito manada, uma loja chama a outra. Tem gente que acha isso ruim, que vê as outras lojas como competição. Mas eu não, eu enxergo mais com um viés de colaboração. Se você vem aqui e não encontra o que procura na minha loja, você pode encontrar na loja do lado e assim por diante. Compensa mais você ir em um lugar especializado, com várias pessoas comercializando a mesma coisa, do que ir em uma lojinha de bairro, que se você não achar o que procura, depois vai ter que se deslocar muito para achar uma outra loja do mesmo produto.

E eu acho que outro fator pras lojas virem pra cá, tem a ver com o aluguel. Aqui na Nova Barão é bem mais barato. A gente paga 1.500 reais. Uma loja desse tamanho na Galeria do Rock, por exemplo, chega a 10.000 reais. A Nova Barão recebeu muito desses órfãos da Galeria do Rock, que saíram por conta do aumento do aluguel mesmo. Esses chineses que chegaram com essas lojas de tênis acabaram dominando tudo. Eles vendem em quantidade muito mais do que a gente, então eles têm condições de pagar um aluguel tão caro assim. (K., dona de loja de discos, 2019).

A ocupação das lojas de vinil na rua elevada da galeria — que possui um fluxo menor de pessoas quando comparado com o da rua térrea — se deu em função do fato dessa comercialização específica possuir, também, um público muito específico. Desse modo, não depende da relação direta com os pedestres que estão só de passagem pela galeria, mas sim do conhecimento dentro do grupo de colecionadores de discos.

O público do vinil é bem direcionado. As pessoas que vem aqui já sabem da existência da loja. E até pela loja estar

FINISSIMOS CONJUNTOS PARA ESCRITORIO

GALERIA NOVA BARÃO

Rua Barão de Itapetininga — Entrega dentro de 90 dias
— Localização privilegiada.

Preço e condições de pagamento a combinar.

PREDIAL DE LUCCA S/A.

Rua Barão de Itapetininga, 255 — 1.º andar — Tels.: 37-3191
e 35-5996 — Sindicalizado CRECI n.º 37.

Anúncio de locação de escritórios na
Galeria Nova Barão.

Fonte: FOLHA DE S. PAULO, 1964, p.5.

POLOBRÁS CONFECÇÕES S. A.

Tecidos e Confeções de Jersey

A FÁBRICA POLOBRÁS CONFECÇÕES S. A.
comunica à praça em geral e aos seus clien-
tes e amigos, a abertura de seus escritórios
no centro, à rua 7 de Abril, 356 — Galeria
Itapetininga — sobreloja — fone 35-4045.

Neste local estarão em exposição e vendas
seus conhecidos produtos "Polojersey" — jer-
sey de lã e de algodão, tecidos e artigos
confeccionados.

A nova localização da Polobrás Confeções
S. A. visa dar aos senhores clientes mais fa-
cilidades para exame de mostruário e com-
pras de tecidos.

Polobrás Confeções S. A.

Anúncio da abertura do escritório da
Fábrica Polobrás na Galeria Itapetininga.

Fonte: O ESTADO DE S. PAULO, 1959, p.1.

no segundo andar, muitas pessoas que
passam não prestam atenção, muita
gente nem chega a subir. (R., dona de
loja de discos, 2019).

Assim, a dinâmica de fluxos mais intensa
no térreo, que dá continuidade e conexão
às ruas, abarca outros tipos de loja, que
sobrevivem melhor a essa dinâmica de
passagem proposta pela arquitetura da
galeria. Foi possível observar um total de
114 lojas na Galeria Nova Barão, dentre
elas podemos listar:

Lojas rua térrea:

- 11 joalherias;
- 9 lanchonetes;
- 5 cabeleireiros;
- 5 farmácias;
- 4 lojas de calçados;
- 3 óticas;
- 3 casas de câmbio;

- 3 casas de crédito direto;
- 3 perfumarias;
- 2 lojas de chocolates;
- 2 lojas de conserto/ capa de celular;
- 2 lojas de embalagens;
- 1 loja de liquidificadores;
- 1 loja de bolos;
- 1 barbearia;
- 1 loja de design de sobancelhas;
- 1 loja de camisas;
- 1 relojoaria;
- 1 loja de conserto de relógios;
- 1 lotérica;
- 1 loja de cosméticos;
- 1 loja de produtos naturais;
- 1 tabacaria;
- 1 loja de roupas;
- 1 loja de áudio e vídeo;
- 1 estúdio de tatuagem;
- 1 loja de suplementos;
- 1 loja de artigos esotéricos e religiosos;
- 1 sebo de livros;



comer

Em matéria de comida brasileira, uma boa pedida é o Xaréu, restaurante que fica na Angélica ... 1554. Sábado tem feijão-da. Muito agradável é também seu barzinho. Uma cantina de lusso, Le Areate, na Martinho Prado 165. Sua comida é mu-

to bom: tagliatelli al sugo e spaghetti à marinaiara, duas boas pedidas. A cozinha internacional do Chave de Ouro, al. Santos 2333, é recomendável. Possui a casa bom atendimento no setor de churrascos. Um endereço certo para quem gosta da cozinha francesa: av. Paulista 820. Lá está o Claris, uma casa de requinte.

beber

Um chope bem tirado, com bastante pressão, você vai beber na Capri, bar-lanchonete que fica na praça da República, próximo à av. Ipiranga. A lanchonete que serve no balcão ou nas mesinhas, bons aperitivos. Tem também: uma grande variedade de petiscos. Fica no Arouche, ao lado do cine Pigalle.

po de aperitivos, com bons salgadinhos (empadas e coxinhas, principalmente), às suas ordens no Chá Mio, Galeria Metropole. Baby Dog, é uma lanchonete que serve no balcão ou nas mesinhas, bons aperitivos. Tem também: uma grande variedade de petiscos. Fica no Arouche, ao lado do cine Pigalle.

ver

No Teatro Oficina, rua Jaçaguá 520, Don Juan, com Gianfrancesco Guarnieri, Antônio Pedro e Martha Overbeck, entre outros; no Maria Della Costa, rua Palm 76, O Frejo, principais figuras: Rosa Maria Martinho e Jayme Barcelos; no TBC,

rus Major Diogo 34, A Vinda de Messias, com Berta Zemei; no Anchieta, rua Dr. Vila Nova 245, O comprador de fazendas, Dulcina e grande elenco; no Alhambra Franca, rua General Jardim 182. Todos anam um homem go-

conhecer

Como Carpiaculo, o Embu surgiu de um aldeamento de índios guaianás. Eles viviam nos campos de M'boy, terras pertencentes a Fernão Dias, mais tarde doadas aos jesuítas. Em 1691, o padre Belchior construiu a igreja de N. S. do Rosário, que se consti-

tui em nossos dias no único monumento paulista tipicamente jesuítico com vários tesouros de arte antiga: talha dos altares, do púlpito e esculturas das imagens. Vilelândia de casas antigas, ela mantém sua tradição. Aos domingos, na praça, pintores mostram seus trabalhos numa verdadeira Feira de Arte Popular.

Matéria sobre bons lugares para frequentar no centro de São Paulo.

Fonte: O ESTADO DE S. PAULO, 1970, p.40.

- 1 loja de guarda-chuvas;
- 1 local de xerox.

Lojas rua elevada:

- 17 lojas de discos de vinil;
- 13 cabeleireiros;
- 5 óticas;
- 3 lojas de roupas;
- 1 loja de moedas antigas;
- 1 agência de turismo e viagens;
- 1 costureira;
- 1 lanchonete;
- 1 escola de kumon.

Ainda analisando o comércio de vinil, percebe-se que as lojas acabam formando um ponto de encontro para os amantes de disco, que se reúnem para comprar, conversar, ouvir música e até mesmo, em algumas lojas, discotecar e tomar uma cerveja. É possível notar um ambiente de descontração na rua superior, diferente da rua térrea. Nas lojas de discos a sensação é mais intimista, as conversas com os vendedores são mais demoradas e o barulho constante típico das ruas do centro pode ser esquecido por alguns minutos, enquanto se aprecia um bom disco.

A rua elevada, com o comércio de vinil, propicia uma espécie de viagem no tempo e sua característica colecionista representa um tipo de resistência ao tão acelerado ritmo com o qual a lógica da indústria da música opera atualmente.

Em todo caso, não são todos os vendedores que são adeptos a esse ambiente mais descontraído, como é o caso de uma das vendedoras entrevistadas e dos próprios moradores da parte residencial do edifício:

Tem muita gente que coloca frigobar com cerveja nas lojas, que deixa as pessoas fazerem discotecagem, mas meu pai não gosta disso, o negócio dele é vender mesmo. E aqui todo mundo se conhece né? É uma espécie de rede, todo mundo conhece todo mundo, então acaba que as pessoas se reúnem mesmo, mas meu pai não gosta muito disso... (R., dona de loja de discos, 2019).

Eles [moradores] odeiam a gente. Não gostam do pessoal aqui do segundo andar da galeria. Por eles a gente nem estaria aqui. (C., dono de loja de discos, 2019).

Apesar das divergências apontadas, fica claro que ambas as ruas da galeria propõem outro ritmo ao centro da cidade, uma espécie de respiro. Uma das razões para essa sensação se dá em função de sua arquitetura extremamente aberta, da presença constante da luz natural e da boa ventilação.

GALERIA ITAPETININGA (GALERIA DOS BRINQUEDOS)

A Galeria Itapetininga foi inaugurada em 1957 e seu espaço é resultado da junção de dois edifícios independentes, conectados por um terceiro bloco no meio da quadra. Sua existência possibilita a conexão das ruas Barão de Itapetininga e Sete de Abril, assim como ocorre com a Galeria Nova Barão. A passagem que o espaço propõe não é linear; ao adentrá-la pela Barão de Itapetininga o caminho se constrói em zigue-zague e não se vê ao final a Rua Sete de Abril. Diferente da Galeria Nova Barão,

Galeria reúne brinquedos antigos

Comerciantes resgatam carrinhos e bonecos que foram sucesso nos anos 70 e 80, fazendo a alegria dos colecionadores

RELÍQUIAS

Rafael Ribella

Brinquedos antigos sem nenhum valor comercial para grande parte das pessoas são vendidos como verdadeiras relíquias para os compradores que freqüentam a Galeria Itapetininga, localizada entre as ruas Barão de Itapetininga e Sete de Abril, no centro de São Paulo. O local é ponto de encontro de colecionadores e reúne raridades espalhadas pelas 13 vitrines. Os preços variam a partir de R\$ 2, mas alguns clientes chegam a desembolsar até R\$ 400 para levar uma única peça para casa.

O comerciante Paulo Rodrigues diz que grande parte dos compradores são pessoas que tiveram os brinquedos quando eram criança, depois se desfizeram deles e hoje voltam para resgatar parte da infância. “Vendo de tudo, mas minha especialidade são bonecos de su-

per-heróis, fabricados no Brasil a partir do final dos anos 70.”

A lista de brinquedos de Rodrigues inclui bonecos antigos do Batman e do Quarteto Fantástico, com preços entre R\$ 10 e R\$ 70. Mas o item mais raro é um carrinho alemão de autorma (uma Ferrari), feito em 1958, à venda por R\$ 400.

Coleção do Forte Apache, Playmobil e bonecos do Falcon são muito procurados

Zigue-zague

Na região conhecida como “centro novo”, entre a praça Dom José Gaspar e a avenida São João, dá para atravessar três longos quarteirões emendando galerias de rua. Construídos na primeira metade do século 20, os prédios da região seguem o ideal modernista e unem, num só lugar, moradia, comércio e trabalho. Por isso, há pelo menos 15 galerias por ali — o que corresponde a mais de 20 opções de caminhos alternativos à rua. “Se chove, eu entro ali na galeria Itapetininga, depois na outra, na outra, na outra e chego na São João. Pego o ônibus sequinha”, conta, molhada de suor, a ambulante Virginia Chagas, 63.



Ricardo Semir/Folhapress

Matéria sobre a venda de brinquedos antigos na Galeria Itapetininga

Fonte: RIBELLA, 2005, p.142.

Texto sobre o centro de São Paulo e suas galerias retirado do Guia da Folha.

Fonte: FOLHA DE S. PAULO, 2014, p.11.

a passagem estabelecida pela Galeria Itapetininga não é tão óbvia: não se pode prever o percurso que promove antes de caminhar por ela, influenciando no fluxo encontrado ali.

A galeria é um pouco escondida, a entrada não é muito grande. Agora a visibilidade melhorou um pouco porque trocaram as luzes, antes ela era muito escura. Tem bastante gente que usa a galeria como passagem, por ser mais agradável e mais seguro, mas tem muita gente que nem sabe da existência disso aqui. (F., dono de um ponto de venda da galeria, 2019).

Suas lojas se organizam, em boa parte, dentro de uma estrutura de vitrines, sendo estas compostas por pequenos módulos

para a comercialização dos produtos. Não há, como usualmente ocorre, uma loja separada da vitrine, sendo esta, apenas para divulgação. A vitrine é a própria loja.

A partir das pesquisas nos acervos em jornais descobriu-se que a galeria sempre teve esse caráter comercial forte, constatado pelas notícias de anúncios de suas lojas. Esse comércio era variado, porém, a partir dos anos 2000, o mesmo movimento de especialização das lojas observado na Galeria Nova Barão se repete na Galeria Itapetininga. Apoiada pela estrutura de vitrine — que sempre existiu no projeto desse espaço — a galeria recebeu a primeira loja de brinquedos antigos e colecionáveis cerca de quinze a vinte anos atrás.

O primeiro [a comercializar brinquedos] foi o Senhor Gilberto, que infelizmente

já é falecido. As vitrines aqui sempre existiram. A primeira a colocar objetos de antiguidade foi a Dona Nadine, que é da família dos donos do prédio e foi inspiração para o nome do edifício acima da galeria. (F., dono de um ponto de venda da galeria, 2019).

A partir daí foram abrindo mais pontos de vendas desse tipo de produto, que se tornou identidade da galeria. A disposição das vitrines nesse espaço de passagem é um ponto de destaque para o comércio, permitindo outro tipo de clientela que não a de colecionadores, inclusive estrangeiros, em busca dos brinquedos.

As pessoas chamam de vitrine, mas na verdade são pontos de venda. Eu acho que é um esquema muito bom de trabalhar, porque você consegue expor todos os seus produtos de uma vez só. [...] A gente recebe pessoas do mundo inteiro, porque essa situação de ter tantas lojas de brinquedos antigos em um só lugar é algo muito único. (F., dono de um ponto de venda da galeria, 2019).

A Galeria Itapetininga tem um total de 40 lojas e, apesar da grande predominância do comércio de brinquedos, possui também outros estabelecimentos, que podem ser listados abaixo:

- 18 lojas de brinquedos;
- 3 joalherias;
- 3 perfumarias;
- 3 lojas de brinquedos e antiguidades;
- 2 lojas de pedras e cristais;
- 2 relojarias;
- 1 loja de bolsas e lingerie;
- 1 loja de bijuterias;
- 1 ótica;
- 1 costureira;
- 1 café/ lanchonete;
- 1 chaveiro;
- 1 loja de roupas;
- 1 loja de cartuchos;
- 1 estúdio de tatuagem.

O comércio de brinquedos antigos causa um efeito similar ao comércio de discos na Galeria Nova Barão: uma viagem no tempo. São mais de 60 anos de história em brinquedos do mundo inteiro. Essa viagem, no entanto, não fica completa

apenas com o vislumbre dos brinquedos nas vitrines, mas sim com os relatos dos senhores colecionadores donos dos pontos de venda, que fazem questão de demonstrar sua paixão pelo colecionismo e pelos brinquedos:

Eu sou colecionador desde criança. Sou biólogo de formação, mas minha paixão sempre foi os brinquedos, depois que eu me aposentei resolvi trabalhar com o que eu verdadeiramente gosto. Nunca se fica triste quando se trabalha com brinquedo. (F., dono de um ponto de venda da galeria, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Galeria Itapetininga, assim como a Galeria Nova Barão, faz parte de um circuito mais amplo de galerias do centro novo de São Paulo. Apesar de suas disparidades, essas galerias buscavam criar uma generosidade com o pedestre, que via na convivência e sociabilidade o exercício da cidadania.

Podemos entender que, mesmo tendo as galerias sofrido modificações — seja em seu uso, na arquitetura, ou na influência econômica —, sua vocação como um espaço de vivência ainda é muito presente. As galerias não perderam sua função, mas se adequaram às mudanças da cidade e suas novas dinâmicas, mantendo-se ainda como um espaço útil.

Elas também espelham os momentos pelos quais passou o centro da cidade, representando o glamour de quando esse espaço tinha notoriedade, se reinventando a cada mudança de público e de pulso da cidade e, mesmo assim, mantendo sua função de passagem, conexão e vivência. É por isso que também hoje, com os movimentos crescentes de recuperação do centro, elas voltam a aparecer nas reportagens não só como um lugar de vendas, mas como um lugar significativo da cidade.

Em uma metrópole globalizada como São Paulo, onde a especulação imobiliária e o capital muitas vezes ditam as regras, manter esses espaços, essas joias da arquitetura moderna que também representam um imaginário moderno de urbanidade, é algo muito significativo.

NOTAS

1. As entrevistas na Galeria Nova Barão foram realizadas no dia 27 de maio de 2019, e as da Galeria Itapetininga no dia 30 de maio de 2019.

REFERÊNCIAS

- ALEIXO, Cynthia. **Edifícios e galerias comerciais:** arquitetura e comércio na cidade de São Paulo, anos 50 e 60. 2005. Dissertação (Mestrado) — Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2005.
- BALSEMÃO, Rafael; OLIVEIRA, Roberto. Brinquedo de gente grande. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 4 de maio de 2008. Revista da Folha. p.12. Disponível em: <acervo.folha.com.br/leitord.do?numero=17527&anchor=5677083&origem=busca&pd=9332a07b028d50c120a9c059be6b5494>. Acesso: jun. 2019.
- COSTA, Sabrina Studart Fontenele. **Edifícios modernos e o traçado urbano no Centro de São Paulo (1938-1960)**. São Paulo: Annablume, 2015.
- FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 12 de setembro de 1964. 2º caderno, p.5. Disponível em: <acervo.folha.com.br/leitord.do?numero=1605&anchor=4983829&origem=busca&pd=230eff5103bc637126795fcea07625762>. Acesso: jun. 2019.
- _____. São Paulo, 7 de maio de 1972. 4º caderno, p.42. Disponível em: <acervo.folha.com.br/leitord.do?numero=4382&anchor=4340300&origem=busca&pd=64e19120ea8e6d9bba561c61190de135>. Acesso: jun. 2019.
- _____. São Paulo, 17 de dezembro de 1975. 1º caderno, p.44. Disponível em: <acervo.folha.com.br/leitord.do?numero=5701&anchor=4410660&origem=busca&pd=493c44aa26c59e802c98803858978b1e>. Acesso: jun. 2019.
- _____. São Paulo, 14 a 20 de março de 2008. **Guia da Folha**, Especial, p.56. Disponível em: <acervo.folha.com.br/leitord.do?numero=17476&anchor=5630850&origem=busca&pd=ob7865cf296c11e61ed3caf63205000a>. Acesso: jun. 2019.
- _____. São Paulo, 14 a 20 de fevereiro de 2014. **Guia da Folha**, p.11. Disponível em: <acervo.folha.com.br/leitord.do?numero=19770&anchor=5916243&origem=busca&pd=652d58c8fc975306d8479d4eac1d2708>. Acesso: jun. 2019.
- KID, Alex. Os Eleitos: o melhor da cidade por Alex Kid. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 06 a 12 de março de 2016, p.12. Disponível em: <acervo.folha.com.br/leitord.do?numero=20521&anchor=6017530&origem=busca&pd=e5ce18dda706cf4de31be2b384381e7a>. Acesso: jun. 2019.
- NÃO DESISTO do vinil. E ponto final. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 10 de janeiro de 2005. Disponível em: <acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20050110-40627-nac-46-inf-l7-not>. Acesso: jun. 2019.
- NO CALÇADÃO, comércio está em crise. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 de março de 1977. 2º caderno, p.21. Disponível em: <acervo.folha.com.br/leitord.do?numero=6160&anchor=4274786&origem=busca&pd=bcf6e1b3205b9f353c1cb6caf9169a0c>. Acesso: jun. 2019.
- NOTO, Felipe Souza. **O quarteirão como suporte da transformação urbana de São Paulo**. 2017. Tese (Doutorado) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, 6 de março de 1959. Capa, p.1. Disponível em: <acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19590306-25719-nac-0001-999-1-not>. Acesso: jun. 2019.
- _____. São Paulo, 31 de julho de 1970. Turismo, Suplemento do "Estado", p.6. Disponível em: <acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19700731-29237-nac-0040-tur-6-not>. Acesso: jun. 2019.
- QUEIROZ, Luiz Roberto Souza. Novo comércio muda

hábitos da cidade. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, p.37, 10 mai. 1981. Disponível em: <acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19810510-32563-nac-0037-999-37-not>. Acesso: jun. 2019.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **São Paulo:** vila cidade metrópole. São Paulo: Takano, 2004.

RIBELLA, Rafael. Galeria reúne brinquedos antigos. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 24 de julho de 2005. Disponível em: <acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20050724-40822-nac-142-opr-co4-not>. Acesso: jun. 2019.

TEIXEIRA, Regiane. Bolacha para todos: Reduto de discos de vinil, galeria Nova Barão atrai órfãos da Galeria do Rock. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 4 a 10 de setembro de 2011, Caderno Revista São Paulo, p.20. Disponível em: <acervo.folha.com.br/leitord.do?numero=18876&anchor=5722182&origem=busca&pd=876eb603b49922a94ad33a711cb50f2c>. Acesso: jun. 2019.

UM ESTRANHO presépio na decoração do centro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 de novembro de 1979. P.44. Disponível em: <acervo.folha.com.br/leitord.do?numero=7132&anchor=472249&origem=busca&pd=3e48be9b376ab518276cb8d401eco4bf>. Acesso: jun. 2019.

SOBRE AS AUTORAS

Arquitetas e urbanista graduadas pela Escola da Cidade em 2019.

beatriz.rsouzadias@gmail.com

brucsilva@hotmail.com

maristella.mpinheiro@gmail.com